



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**MODERAÇÃO E DISCRIÇÃO NA CULTURA PORTUGUESA: *CORTE  
NA ALDEIA (1619)* DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO**

Philippe Delfino Sartin\*

Esta comunicação ensaia uma perspectiva investigativa sobre as escolhas culturais da nobreza portuguesa do século XVII, à época do domínio espanhol. Tais escolhas, no quadro geral da civilização europeia que colhia os frutos tardios do Renascimento, e lidava com a constituição dos Estados Nacionais, significavam, para os portugueses, a afirmação de sua identidade face aos costumes dos espanhóis e ao pólo atrativo que era a corte castelhana, muito embora as relações de troca entre essas nações fossem contínuas e inequívocas. Nosso objetivo limita-se a apresentar uma leitura de obras literárias daquele período, com a atenção voltada para um poeta, buscando identificar parâmetros com os quais os portugueses – mas não apenas eles – se enxergavam enquanto sujeitos históricos.

1. Analisemos a síntese realizada por Francisco Rodrigues Lobo, em seu livro *Corte na aldeia e noites de inverno* (1619), entre o modelo cortesão, famoso desde o

---

\* Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com dissertação intitulada “A tentação e a contemplação. Manuel Bernardes (1644-1710) e o Oratório de Lisboa” (bolsa CAPES – Demanda Social). Atualmente é aluno do Doutorado em História Social da Universidade de São Paulo (USP) e bolsista do CNPq, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura de Mello e Souza. Desenvolve projeto de pesquisa sobre as relações entre a literatura de espiritualidade e a demonologia em Portugal, Espanha e Itália na Época Moderna. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Renascimento – principalmente a partir das obras de Baldassare Castiglione (1478-1519) e Giovanni della Casa (1503-1556)<sup>1</sup> – e as *moderações* de tal modelo, cuja referência mais imediata é o franciscano António de Guevara, com seu *Menosprezo de Corte y Alabanza de Aldea* (1539).

O livro é composto por dezesseis “Diálogos”, abordando temas de variada natureza, como “Da política e estilo das cartas missivas” (diálogo II), “Dos encarecimentos” (diálogo V), “Dos contos e ditos graciosos e agudos na conversação” (diálogo XI), ou “Das cortesias” (diálogo XII). A história se estrutura em torno de amigos que, “para desvio da Corte e voluntário desterro do tráfego dela”<sup>2</sup>, se encontram recolhidos em Aldeia. Alusão mais que provável a Vila Viçosa, onde se recolhiam os Bragança, muito embora o autor, que dedica seu livro a D. Duarte, membro desta linhagem, não mencione palavra sobre isso, talvez por prudência. Lembremos que estes nobres não eram, àquela altura, a família real, mas vassallos do senhor de Espanha. A *Restauração* só viria vinte e um anos depois.

Entre os que se encontram nessas dezesseis noites de inverno, “melhor gastadas que as que se passam em outros exercícios prejudiciais à vida e consciência”<sup>3</sup>, havia “um Letrado [Lívio] que ali tinha casal e que já tivera honrados cargos de governo na Justiça”, um “Fidalgo mancebo [D. Júlio], inclinado ao exercício da caça e muito afeiçoado às coisas da pátria”, um “Estudante [Píndaro] de bom engenho”, e um “velho não muito rico [Solino] que tinha servido aos Grandes da Corte” reunindo-se, perto da “cidade principal da Lusitânia” à casa de Leonardo.

Sair da cidade em direção ao campo era uma atitude muito comum àquela época, muito embora o recolher-se, “abrindo mão” da participação na vida política cidadina escondesse, num período em que Portugal era província da Espanha, Lisboa se via reduzida a uma grande cidade mercantil, e quando a expressão “solo Madrid es corte” se tornara bastante popular, um posicionamento político desiludido: “A fuga dos fidalgos

<sup>1</sup> CARVALHO, José Adriano de. “A retórica da cortesia: Corte na Aldeia (1619) de Francisco Rodrigues Lobo, fonte da Epítome de la eloquencia española (1692) de Francisco José Artiga.” *Península*. Revista de Estudos Ibéricos, 2003, p. 423.

<sup>2</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1957, p.5.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 2.

para o campo, a sua relativamente pequena participação na vida política do reino (...) resultava de um estado de espírito de desgosto em face da realidade”<sup>4</sup>.

Malgrado essa desilusão, vemos emergir das páginas desse livro, a partir das honestas conversações – honestas até demais, para o gosto do leitor contemporâneo – daqueles nobres tão afeitos a virtuosos passatempos, a questão do bem falar e do agir cortesmente, que estão, desde já, em notável imbricação, sustentando a noção de *cortesão discreto*<sup>5</sup>. Assim, temos, numa mesma frase, a definição apresentada por Leonardo: “o decoro de tratar as pessoas, a agudeza e galantaria das tenções”<sup>6</sup>.

A elaboração de Rodrigues Lobo caminha no sentido de ressaltar a conversação natural entre amigos<sup>7</sup> – bem educados, diga-se de passagem – como modelo para a cortesia, pois mesmo a “melhor escritura é a que retrata com maior semelhança a fala e conversação dentre os amigos”<sup>8</sup>. Não que tal fala se compraza nas informalidades que eventualmente se apresentam em círculos de maior intimidade, ou muito menos que tal oralidade dê azo a que se fale desordenadamente sobre o que quer que seja; mas que se mantenha “concerto e polícia das palavras”<sup>9</sup>. Relembremos a este título, aquele que terá sido um antecedente deste livro de Rodrigues Lobo:

Na conversação peca-se de muitos e variados modos, e primeiramente na matéria proposta, que não deve ser frívola nem vil, pois os ouvintes não se interessam e, por isso não se deleitam, ao contrário, escarnecem juntamente dos argumentos e dos próprios argumentadores. (...) É igualmente inadequado falar de coisas muito contrárias ao tempo e às pessoas que nos ouvem, mesmo daquelas que, por si e ao seu tempo ditas, seriam boas e santas.<sup>10</sup>

<sup>4</sup> FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. *Portugal na época da Restauração*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 129.

<sup>5</sup> Cf. CARVALHO, José Herculano de. *Um tipo literário e humano do barroco*. O cortesão discreto. Separata do “Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra”, Vol. XXVI, 1963. Esta figura, cada vez mais importante no contexto da Europa Renascentista, e presente pelo seiscentos afora, se tornou especialmente cara a uma série de manuais e tratados, “sobre bom comportamento, boas maneiras, cortesia ou ‘civildade’, impressos na Europa a partir do século XV”, entre os quais os mais famosos são *Il Cortegiano* (1528) do militar italiano Baldassare Castiglione, *Il Galateo* (1558) de Giovanni Della Casa e *La civil conversazione* (1574) de Stefano Guazzo. Cf BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora Unesp, 1995, p. 120.

<sup>6</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia... Op. cit.*, p. 11.

<sup>7</sup> CARVALHO, José Adriano de. “A retórica da cortesia...”, *Op. cit.*, p. 426.

<sup>8</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia... Op. cit.*, p. 22.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>10</sup> CASA, Giovanni Della. *Galateo ou Dos Costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 24-25.

Esse trecho do *Galateo* de Giovanni Della Casa talvez ilustre uma prática das personagens do livro de Rodrigues Lobo, os quais, a cada noite, elegem a matéria sobre a qual discorrer na noite seguinte. Tudo é muito estudado, como se vê. No entanto, fica aqui a pergunta: estudado em que sentido? Ouçamos o Doutor Lívio: “se vos ateardes em cortesias, não haverá quem as pague, se não for Píndaro, que tem uma corrente tão arrebatada que não há vau a nenhuma retórica no mundo”; ao que responde Leonardo sobre o estudante: “cada vez que o ouço, me parece um livro de cavalarias”, uma vez que este usa, no afã de impressionar os mais velhos, “palavras sonoras, razões concertadas, trocados galantes e períodos que levam todo o fôlego”.<sup>11</sup>

Isto é uma repreensão. No capítulo das cartas missivas, digno de nota em variados aspectos, se quisermos aprender um pouco sobre tais usos dos portugueses seiscentistas, Solino, o velho, menos culto, mas mais *picante*, conta uma história bastante cômica:

Um homem, escrevendo à sua própria mulher, se assinou *vosso servo N.*, e ela o fazia tal na mesma ausência. O outro, de que contam vulgarmente porque corria nos sinais o *menor criado de vossa mercê N.*, escrevendo a sua mulher se assinou *o menor marido vosso N.*, e a senhora devia de ter mais varões que a Samaritana.<sup>12</sup>

Ao que acudiu Píndaro com outra história, para maior riso do leitor, que nos obrigamos a reproduzir:

De uma gentil dama sei eu (disse Píndaro) que, escrevendo a um seu galante, se assinou *sua N.*, e ele, lendo a carta, voltou para um amigo com que estava e disse: *Sempre temi esta nova*; e perguntando-lhe o outro que era? Respondeu: *Sua N.*, e é *princípio de Verão*. Outro, em Coimbra, querendo-se humilhar muito aos pés de um amigo a que escrevia, assinou *Antípoda de vossa mercê N.*<sup>13</sup>

E assim prossegue o livro. Lembremos que este comércio de escrúpulos, esta troca simbólica que é a cortesia, especialmente numa sociedade marcada por oposições do tipo *vícios e virtudes*, redundante em que é “tão bugia da virtude e da honra a vaidade, que, somente por a seguir em aparências, tropeça a cada passo em desatino”.<sup>14</sup> Em que

<sup>11</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia...* *Op. cit.*, pp. 10-11.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>13</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia...* *Op. cit.*, p. 40.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 37.

consiste a vaidade? Em querer passar-se pelo que não se é, como alguns que “por galantaria”, e não “para remediar a natureza” traziam óculos ao nariz.<sup>15</sup> Ainda tratando das cartas, D. Júlio adverte para aquelas mal escritas e escabrosas, “cujos erros, a meu ver, nascem de os homens se cansarem muito em quererem parecer singulares”.<sup>16</sup> O erro é o exagero da diferença; diferenciar-se para além das diferenças tacitamente aceitas e, sobretudo, daquelas idealizadas, é o descompasso, o desacerto, ou, em outras palavras, a necessidade, pois “que tanto se contenta o discreto da boa razão alheia como o néscio da sua ignorância própria”.<sup>17</sup>

Por oposição ao néscio, o discreto é digno de crédito,<sup>18</sup> possui “aviso, entendimento” e “cortesia”, e age prudentemente, “encobrendo, desculpando e persuadindo”.<sup>19</sup> Para reforçarmos uma última vez como tais valores – *discrição, agudeza, cortesia* entre outros – dividiam o mesmo investimento idealizador dos homens daquele período, para os quais escolhemos como representante Rodrigues Lobo, tragamos, para lembrar um poema deste nosso autor, em que dizia “Que sem Amor, sem sua companhia, / Não há beleza, graça e cortesia”<sup>20</sup>, quais são os efeitos do Amor sobre as virtudes do nobre cortês:

O aviso no falar, a discrição no escrever, a brandura no conversar, a polícia no vestir, a graça no parecer, a cortesia no tratar, a liberalidade no despender, o esforço no pelejar, a largueza no jogar, a humildade no servir e a pontualidade no merecer<sup>21</sup>

2. Pois que o nosso Lobo também foi Pastor, também ele sonhou em andar pelos verdes prados cheios de ovelhas, de cítara e cajado, atrás de alguma pastora com o céu dentro dos olhos. Nascido em Leiria em 1580, filho de André Lázaro Lobo e Joana Brito

<sup>15</sup> *Idem*, p. 39.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 58.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 99.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 78.

<sup>19</sup> *Idem*, p. 81.

<sup>20</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Poesias*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1955, p. 20.

<sup>21</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia... Op. cit.*, p. 114.

de Gavião, de origens judias<sup>22</sup> ao que tudo indica,<sup>23</sup> Francisco escreve seu primeiro romance aos dezesseis anos; nele exortava os portugueses a competirem com os espanhóis, embora escrevesse 54 dos 58 poemas em castelhano. Sua famosa *Primavera* é de 1601, e gozará de várias edições ainda em sua vida. Publica algumas élogos em 1605.

A questão da aldeia na obra de Rodrigues Lobo é devida, provavelmente, às suas próprias predileções pela vida campesina, somada às condições políticas do país sem corte. Quanto à primeira, este terceto é revelador: “Aldeão no tratar, e experimentado/  
Dos enganos e enleios da cidade/ Pobre, contente, e rico sem cuidado”.<sup>24</sup> Esse é o seu bucolismo, numa época em que triunfavam na península a *Galatea* (1585) de Cervantes, e a *Arcádia* (1598) de Lope de Vega.

Ao lado do encarecimento dos valores tradicionais dos portugueses – que serão nosso próximo tópico – ora sem corte em Lisboa, o apelo ao campo, à sua simplicidade catalisadora – se pudermos lançar mão de um pequeno paradoxo – para a virtude, a discrição e a sobriedade, mas também a necessidade de contemplar, de se recolher e aguardar – é o mesmo campo o *boosco* de outrora, mas não solitário, por sua vez, pois propício ao comércio com as criaturas e o trato cortês com os homens – é o que o torna esse lenitivo à vida cortesã, à Madrid onde corriam portugueses, em busca de favores, mas também a Lisboa, cidade entre as cidades<sup>25</sup>, com seus “enganos e enleios”.

Por isso cantar às árvores, falar do “álamo e da faia, do freixo e do salgueiro, do olmo, da aveleira e do loureiro”, nesse “espaçoso sítio, partido em verdes outeiros e graciosos vales, que a natureza com particular graças povoou de árvores e fontes que fazem nele perpétua primavera”<sup>26</sup>.

Há uma passagem decisiva no poema “Elogio da vida campesina” que gostaríamos de mostrar: “na guerra trabalhosa / Suspira pela corte lisonjeira, / Cheia de engano, o mesmo soldado; / E o cortesão, cansado / De esperanças valdias / Louva do

<sup>22</sup> Quando de sua morte, afogado, escreve-lhe Tomás de Noronha soneto fúnebre de funestas palavras e versos maliciosos: “Pastor Lereno, a morte injustamente /Te acometeu; mas dizem que queimado / Havias de morrer naturalmente”, VIEIRA, Afonso Lopes. Prefácio. In: LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1957, p. XIII.

<sup>23</sup> *Idem, ibid.*

<sup>24</sup> *Idem*, p. XIV.

<sup>25</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia... Op. cit.*, p. 177.

<sup>26</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Poesias... Op.cit.*, pp. 1-2.

campo as livres alegrias”.<sup>27</sup> Aqui deslinda o poeta, em poucas palavras, o seu conjunto de mais renhidas preocupações, nos oferecendo vista privilegiada para o mundo dos valores sociais portugueses, mas ibéricos de maneira geral: o cansaço pelos trabalhos da guerra, que atrai o cavaleiro à corte e o cansaço dos trabalhos da corte, que atrai o cortesão ao campo. Em ambos os casos, a necessidade em se assegurar o próprio valor, fazendo-se visível num caso, retirando-se no outro, deslocando-se entre domínios diferentes, mas entre tempos diferentes, é preciso notar. Assegura-se o futuro, de um lado, busca-se o passado de outro.

O passado, a tradição, o campo, a nobreza – é esta a insistência de Rodrigues Lobo.

3. Não é certo que nos deixemos levar, por um lado, pelo aparente contraste, apresentado pelo título, poeticamente conceituoso; ou ainda, pelo que há de aparentemente dominante na expressão “corte na aldeia”, qual seja, o domínio desta por aquela<sup>28</sup>, o domínio da natureza pela educação, pela “discrição”, pelo “bom ensino”. Antes, o efeito mitigador, o efeito “restaurador” da aldeia sobre a corte – menos que um livro sobre boas maneiras, uma novela pela abolição dos excessos e pela ponderação das cortesias à maneira de uma sociedade que se queria “bucólica, austera e guerreira”.<sup>29</sup>

O que o livro não diz, à primeira vista, e que nos importa destacar, é a *influência da aldeia sobre a corte*. Mas não é qualquer aldeia: a relação dos patrícios com a terra era essencialmente idealizadora, saudosista e, o que é principal e evidente, não estava mediada pelo trabalho.

Os donos da terra, que no inverno buscavam nas aldeias o bom clima que não encontravam nas cidades, gozavam do trabalho dos agricultores mediante os contratos de usufruto (forais, arrendamentos, a enfiteuse etc.) naquilo que José Vicente Serrão descreve como “uma das mais importantes características do antigo regime agrário

<sup>27</sup> LOBO, Francisco Rodrigues. *Poesias... Op.cit.*, p. 40.

<sup>28</sup> Muito embora convide o autor a que nisto creiamos quando fala dos nobres que “vieram a fazer corte na aldeia”, LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia... Op. cit.*, p. 1.

<sup>29</sup> HESPANHA, António Manuel; SILVA, Ana Cristina Nogueira da. A identidade portuguesa. In: HESPANHA, António Manuel (org.). *História de Portugal. O Antigo Regime*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 29. Cf. ainda a nota 33.

português”.<sup>30</sup> A agricultura, que no século XVII testemunha a introdução de novos gêneros e momentos de oscilação – e mesmo de crises, reconduzíveis a certa “longa duração” – quanto aos percentuais econômicos, era ainda um dos pilares da vida portuguesa, juntamente ao comércio ultramarino, agraciado mais tarde com o ouro brasileiro. Disto resultava que por razões de ordem “material, sociológica e ideológica”<sup>31</sup>, a terra ainda era o principal atrativo para os capitais em Portugal, sobretudo para as posições da nobreza, ciosa de distinção.

Diante de quaisquer ameaças a naturalizada hierarquia social, com títulos de nobreza e protagonismo sócio-político nas mãos de famílias tradicionais, como aquela representada pela burguesia mercantil em ascensão, afluía aquele *ethos* do nobre português, sóbrio, bucólico e guerreiro. Assim, valores como a honra, a virtude, a cortesia, embora não fossem a mesma coisa, apareciam interligados – eram com eles que os homens do século XVII idealizavam sua própria imagem. Era este o “trabalho” da aristocracia, já menos luminosa, nos *seiscentos* português – exercitar a própria virtude: “A honra na acepção portuguesa do século XVII nada tinha de quietista”.<sup>32</sup> A honra, esta que não se dá nem mesmo ao rei. É assim que a cortesia da *Corte na Aldeia* não é qualquer cortesia, mas uma *cortesia virtuosa, moderação, desde já, dos excessos do cortesão*.

Uma frase de Antonio de Guevara, autor sem dúvida conhecido dos portugueses em princípios do XVII, parece-lhes resumir com lapidar precisão o sentimento, em especial aquele dos nobres, como os Bragança de Vila Viçosa, na época do domínio espanhol: “Ozariamos decir, y aun afirmar, que para los hombres que tienen los pensamientos altos, y la fortuna baxa, les seria mas honra y provecho vivir en el aldea honrados, que no en la ciudad abatidos.”<sup>33</sup> Talvez possamos entrever um outro significado por trás destas palavras, qual seja: a dificuldade dos fidalgos em acompanhar a ostentação das classes médias urbanas, e sobretudo da burguesia comercial, em ascensão neste

<sup>30</sup> SERRÃO, José Vicente. O quadro econômico. In: HESPANHA, António Manuel (org.). *História de Portugal. O Antigo Regime*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 79.

<sup>31</sup> SERRÃO, José Vicente. O quadro econômico... *Op. cit.*, p. 80.

<sup>32</sup> FRANÇA, Eduardo D'Oliveira. *Portugal... Op. cit.*, p. 202. A respeito do prosseguimento dado a esses ideais, já no fim do século, tratamos anteriormente em nossa dissertação de mestrado. SARTIN, Philippe Delfino. *A tentação e a contemplação*. Manuel Bernardes (1644-1710) e o Oratório de Lisboa. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2013, pp. 32-34.

<sup>33</sup> GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte y Alabanza de Aldea*. Barcelona: por Hieronymo Margarite, 1613, fl. 29.



período, em especial por conta da exploração do Novo Mundo. Por isso insiste nosso caro frei Guevara que “es mas sano consejo al pobre hidalgo” que se retira da corte em direção à aldeia, “yr a buscar de comer en una borrica, que no andar hambreado en un cavallo”.<sup>34</sup>

4. De notável analogia com a obra de Rodrigues Lobo é um livro desse Antônio de Guevara, *Menosprecio de Corte y Alabanza de Aldea* (1539). Este autor, um franciscano freqüentador de várias corte pela Europa<sup>35</sup>, que não obstante considerava que “si entre los cortesanos soy el menor, entre los peccadores soy el mayor”,<sup>36</sup> coloca à disposição do leitor, num prorromper incessante de imagens<sup>37</sup> o seu vitupério aos que levam a vida na corte, sem nela poderem estar; o título do segundo capítulo serve para ilustrar a posição assumida por Guevara: “Que nadie deve aconsejar a nadie se vaya a la corte”, ou seja, que andarem todas as pessoas, que diariamente freqüentam as cortes, apenas para conseguirem os benefícios naturalmente almejados, resulta nas decepções cotidianas e cortesantias escabrosas. A corte pode ser boa para alguns, mas virtualmente nocivas para outros.

Aconsejar a uno que dexa la Corte, y se vaya a su casa, o que dexa su casa y se vaya a la Corte, el tan consejo ni le admite crianca darle, ni le cabe en cordura tomarle, porque va mucho de lo que yo puedo a mi amigo aconsejar, a lo que a elle conviene hazer.<sup>38</sup>

Apesar da afinidade entre a *Corte na Aldeia* e o livro de Guevara, aquele se encontra um passo atrás, se assim desejarmos, quanto ao que se propõe: diferentemente do franciscano, Rodrigues Lobo não parece se perturbar com a vida na corte e não conclama a emendarem suas almas das vaidades deste mundo os que ali corriam em busca de assistência, e favor; os hóspedes da aldeia não deixaram de ser cortesãos, apenas o querem ser corretamente, cortesmente, poderíamos dizer, segundo a

<sup>34</sup> *Idem*, fl. 32.

<sup>35</sup> Como ele mesmo diz em seu prefácio: “En estes tiempos passados vi la corte del Emperador Maximiliano, la del Papa, la del rey de Francia, la del rey de Romanos, la del rey de Inglaterra, vi las Señorías de Venecia, de Genova y de Florencia y vi los estados y casas de los príncipes y potentados de Itália: em todas las cortes vi grandes cosas que notar, y otras dignas de contar” GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte... Op. cit.*, fl. 7.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>37</sup> PEREIRA, António dos Santos. Didactismo em D. António de Guevara e Francisco Rodrigues Lobo. *Limite*. N° 3, 2009, p. 77.

<sup>38</sup> GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte... Op. cit.*, fls. 17-17v.

*cerimônia* e o *bom ensino*, sem que a vida de ostentação e representação, de atitudes estudadas e artificioso proceder se sobrepusesse aos valores encarecidamente enaltecidos da vária pátria lusitana.

Mas neste ponto, posto que diferentes em suas intenções, ambos os autores parecem concordar – ser cortês fora da corte é que é ser virtuoso, sê-lo aos pés do rei nem tanto: “Y si el tal cortesano fuere virtuoso, manso, honesto y quieto, dé la corte a Dios, y vayase a retraer a su casa: ali vera y conocera, que nunca supo que cosa era el vivir”.<sup>39</sup> Este movimento em direção à casa, ou em direção ao campo, que livrava o português dos pesados encarecimentos da corte, ou, para dizê-lo ao tom de Norbert Elias, do alto grau de *formalidade* ali exigido, redundava em vício, conforme nos conta frei Guevara:

En las cortes de los príncipes muchas veces acontece, que los vários negocios, y aun los pocos dineros, son causa para abstenerse um hombre de los vicios, el qual despues que se va a su casa, haze cosas tan feas, que son dignas de murmurar, y mucho mas de castigar.<sup>40</sup>

E, continua o franciscano, o problema é precisamente este – longe das vistas de todos, comporta-se o homem como se o não fora, mal educado que então era:

Muchos ay que se van de la corte por estar mas ociosos, y ser mas viciosos, y de los tales no diremos que, como buenos, se van a retraer, sino para buscar mas tempo para pecar, ora por no ser acusados, ora para no ser infamados: muchos se abstienen en las cortes de ser viciosos, los quales despues que de alli salen y se van a su casa, ni para com Dios tienen conciencia, ni aun de la gente han verguença.<sup>41</sup>

Este relaxamento privado, contrapartida de um excessivo e – caso alguém queira usar a palavra – *barroco* comprometimento com as aparências, atitude cortesã “afetada e dissimulada, à maneira castiglionesca” era visto pelos moralistas dos seiscentos<sup>42</sup> como um sinal da decadência do reino português.

Podemos seguir comparando os livros de Rodrigues Lobo e de Guevara, esperando ver surgir uma argumentação que nos revele um *corpus* mais ou menos definido de disposições e sensibilidades, e ainda de avisos, que delineava ao português

<sup>39</sup> *Idem*, fl. 22v.

<sup>40</sup> GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte...* *Op. cit.*, fl. 22v..

<sup>41</sup> *Idem*, fl. 23.

<sup>42</sup> HESPANHA, António Manuel; SILVA, Ana Cristina Nogueira da. A identidade portuguesa... *Op. cit.*, p. 29.

daquela época, um *ethos* que permaneceria por décadas a indicar os caminhos do comportamento ideal. Se *Corte na Aldeia* é de fato um livro sobre a conversação – sobre a oralidade fluida do palestrar entre amigos, não obstante moderada e natural, uma espécie de “segunda natureza” para o homem cortês, ao fim, um *hábito*<sup>43</sup> – deve supor que a vida fora da corte não será de ociosidade, mas resultado de um cultivo: “Al cortesano que no se ocupa en su casa sino em comer, beber, jugar e holgar (...) si en la corte andava rodeado de enemigos andar se ha em la aldea cargado de vicios”.<sup>44</sup>

Continua frei Guevara apontando para as hipocrisias que podem aparecer na vida do recolhido à aldeia:

El cortesano que se retrae a su casa debe ser en el comer sóbrio, en el beber moderado, en el vestir honesto, en los pasatiempos cauto, y en la conversación virtuoso: porque de outra manera haria de la aldea Corte, aviendo de hazer de la Corte aldea.<sup>45</sup>

O que chama a atenção nesta passagem é o que sugere frei Antonio: caso não se emende e se torne virtuoso, inclusive na conversação, viveria como cortesão metido em aldeia. Ou seja, a conversação dos cortesãos, estudada e planejada, plena de encarecimentos, e gestos contidos, e dissimulações, não é afinal, grande coisa, mas farsa, interesse, que não faz senão macaquear a verdadeira cortesia, aquela de si para si e de si para com Deus.

Não estamos preocupados em investigar uma possível leitura da obra de Guevara, ou mesmo de Castiglione, da parte de Rodrigues Lobo, por mais que pareça plausível. Importa-nos tão somente assinalar como, apesar de escrever sobre a maneira de se portar na corte, Rodrigues Lobo se mostra atento às críticas que tal atitude, se levada a cabo por razões débeis ou moralmente repreensíveis, merecia.<sup>46</sup> Claro, o autor não era um religioso como Guevara, nem parece-nos razoável supor que possuísse um projeto de reforma social baseado numa leitura cristã da ordem moral e política de Portugal. De todo o modo, a perspectiva que buscamos sugerir para o estudo do século XVII português é buscar menos uma originalidade em relação aos demais reinos europeus – sobretudo a

<sup>43</sup> BURKE, Peter. *A arte da conversação...* *Op. cit.*, p. 122.

<sup>44</sup> GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte...* *Op. cit.*, fl. 26.

<sup>45</sup> *Idem*, fl. 27v. Cf. a nota 22.

<sup>46</sup> Para as críticas ao modelo cortesão, abundantes no próprio Renascimento, cf. BURKE, Peter. O cortesão. In: GARIN, Eugenio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1986, pp. 117-119.

Espanha – e mais a leitura que aqueles portugueses fizeram de sua própria condição, face aos obstáculos do tempo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### 1. Fontes Documentais

CASA, Giovanni Della. *Galateo ou Dos Costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte y Alabanza de Aldea*. Barcelona: por Hieronymo Margarite, 1613.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1957.

\_\_\_\_\_. *Poesias*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1955.

#### 2. Bibliografia

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

\_\_\_\_\_. O cortesão. In: GARIN, Eugenio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1986, pp. 101-119.

CARVALHO, José Adriano de. A retórica da cortesia: Corte na Aldeia (1619) de Francisco Rodrigues Lobo, fonte da Epítome de la eloquencia española (1692) de Francisco José Artiga. *Península*. Revista de Estudos Ibéricos, p. 423-441, 2003. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8689>, acesso em: 02/03/2012.

CARVALHO, José Herculano de. *Um tipo literário e humano do barroco*. O cortesão discreto. Separata do “Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra”, Vol. XXVI, 1963.

FRANÇA, Eduardo D’Oliveira. *Portugal na época da Restauração*. São Paulo: Hucitec, 1997.

HESPANHA, António Manuel; SILVA, Ana Cristina Nogueira da. A identidade portuguesa. In: HESPANHA, António Manuel (org.). *História de Portugal. O Antigo Regime*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 19-34.

PEREIRA, António dos Santos. Didactismo em D. António de Guevara e Francisco Rodrigues Lobo. *Limite*. Nº 3, 2009, pp. 69-92.

SARTIN, Philippe Delfino. *A tentação e a contemplação*. Manuel Bernardes (1644-1710) e o Oratório de Lisboa. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2013.

SERRÃO, José Vicente. O quadro econômico. In: HESPANHA, António Manuel (org.). *História de Portugal. O Antigo Regime*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 67-112.

VIEIRA, Afonso Lopes. Prefácio. In: LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia e noites de inverno*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1957, p. VII-XXIV.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Poesias*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1955, p. XI-LV.

